

BAURÃO
MEMÓRIA. SEMPRE.

OLHARES DE CLAUDIA WONDER

★ *crônicas e outras histórias*



Claudia Wonder

edições
GLS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wonder, Claudia
Olhares de Claudia Wonder: crônicas e outras histórias. São
Paulo : GLS, 2008.

ISBN 978-85-86755-47-7

1. Crônicas brasileiras 2. G Magazine (Revista) 3. Jornalistas
- Brasil 4. Wonder, Claudia I. Título.

08-05871

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas jornalísticas: Literatura brasileira 869.93



Compre em lugar de fotocopiar.
Cada real que você dá por um livro recompensa seus autores
e os convida a produzir mais sobre o tema;
incentiva seus editores a encomendar, traduzir e publicar
outras obras sobre o assunto;
e paga aos livreiros por estocar e levar até você livros
para a sua informação e o seu entretenimento.
Cada real que você dá pela fotocópia não autorizada de um livro
financia um crime
e ajuda a matar a produção intelectual de seu país.

Sumário

Wonder se escreve com dois vês · 7	
<i>Ana B. Fadigas</i>	
Três vezes Claudia · 9	
<i>Jayme Camargo</i>	
Um desafio e uma grande conquista · 11	
★ TRABALHO E PROFISSÃO	15
Fabiana Brazil com z · 17	
A inteligência da mona · 19	
O preço da dignidade · 21	
Trans no armário · 25	
Trans derrubam preconceito no trabalho · 26	
★ ENTREVISTAS	31
Nada foi em vão · 33	
"Você pode ser o que quiser, na hora que quiser" · 40	
"Dentro de mim mora uma mulher" · 45	
O mito volta à cena · 50	
"Me realizo vivendo papéis femininos" · 59	
Dona Roma · 64	
★ IDENTIDADE DE GÊNERO	69
Guerrilha Travolaka · 71	
Do <i>Homo sapiens</i> ao homem trans · 74	
Símbolos e imposições · 76	
Em busca de formas mais harmoniosas · 77	
Histórias e agruras de uma criança trans · 80	
<i>T-lovers</i> , homens que amam trans · 85	
★ OUTRAS HISTÓRIAS	89
O cavaleiro e a trans · 91	
A falsa alegria do carnaval · 93	

- O primeiro baile de travestis do Brasil · 95
- Transexualidade e o III Reich · 97
- O valor da amizade · 99
- Samba, alegria e preconceito · 101
- Natal trans · 103
- Homenagem a Caio Fernando Abreu I e II · 104
- São Paulo, meu amor! · 110

★ **PERFIS** **113**

- Coccinelle · 115
- O exemplo de Charlotte · 117
- Homenagem a Thelma Lipp · 119
- Adeus a minha "maninha" Nana Voguel · 124
- Margot Minelli · 126
- Gay dos pampas · 129
- É uma trava portuguesa, com certeza... · 131
- Muito prazer: Divina Valéria · 132
- Geanne Greggio: as coisas podem ser diferentes · 135

★ **PRECONCEITO** **139**

- Direito à diferença (manifesto) · 141
- Véia é a vó · 143
- Travestis versus transexuais · 144
- Diferente, eu? · 145
- Mensagens subliminares do preconceito · 147
- Orkuteiros · 149
- O estigma da chacota · 150
- Todo mundo acha que eu sou puta! · 151
- Até quando? · 153
- Uma visão do travestismo na cultura GLBT · 157
- Mais amor e menos homofobia internalizada · 160
- A antropofagia das tribos · 163

★ **RELIGIÃO** **165**

- Nós e a Bíblia · 167
- Cruzes! · 171
- Transexuais do Islã · 173
- Causa e efeito · 175
- Entre Deus e o diabo, um bisturi · 177
- Eunucos de ontem e de hoje · 180

Wonder se escreve com dois vês

Revejo os textos de Claudia, a abertura de Jayme, seu editor na *G Magazine*, e o que me ocorre é um "V" de verdade maiúsculo. A difícil tarefa que alguns humanos têm a cumprir neste plano em que estamos revela-se inteira aqui neste livro.

Sim, Claudia Wonder veio total! E, entre as intempéries deste mundo sem dó em que vivemos, ela cumpriu, cumpre e cumprirá, cada dia mais, a tarefa de nos humanizar com sua presença. Ela é "uma" ou um ser como poucos de nós somos ou podemos ser. Sua trajetória na *G Magazine* nos brinda, leitores, com esta história, e vai nos mostrando a realidade de um ser incomum.

Mais do que tratar a questão do travesti no Brasil, do momento que vivemos e dos dez anos de *G Magazine*, ela, a Wonder, foi causando impacto com sua coragem e com sua clareza. De minha parte, fico muito feliz e orgulhosa de participar deste momento. Da *G* para o livro de Claudia, volto nesta tarefa de escrever junto com Jayme Pai (de meus filhos) este espaço de prefácio, tornando a ler seus textos e pensando em nosso convívio neste tempo atemporal. Sei e reafirmo que será um prazer inigualável estar com as palavras dela nas páginas deste livro.

Particularmente, tenho Claudia Wonder como uma das mulheres mais profundas e verdadeiras que eu conheço. Não, não a vejo

como do movimento GLBT como um todo. Afinal, em uma família, quando um irmão está perdido, os outros devem ajudar. Enquanto travestis estiverem nas ruas por falta de opção e sendo alvo certo de crimes de homofobia, nenhum de nós GLB ou T terá dignidade plena nesse país.

Esse é um problema social e de todos nós. Portanto, chega de tentar esconder o pé do pavão!

UMA VISÃO DO TRAVESTISMO NA CULTURA GLBT

★

Existe uma cultura *gay*? O que poderíamos chamar de cultura GLBT? Essas foram as perguntas que me fiz quando sentei diante do computador para escrever este texto. E eu acredito que posso responder que sim à primeira delas.

Quando comecei a conhecer o universo *gay*, no centro da cidade, mais precisamente na Praça da República – a maior referência como reduto de homossexuais da época –, fiz meus primeiros contatos com *gays* e travestis daquele tempo. Figuras como Lola, Micheli Miss Universo, Nana Voguel, Miss Biá e Dinamarca ensinaram-me os primeiros passos da vida *gay*.

As boates *gays* ainda não existiam, havia apenas bares como o Barroquinho, na Galeria Metrópole. E os ícones eram os travestis que se apresentavam nos teatros e nas boates héteros da boca do luxo.

Naquela época, todos fazíamos parte de um só grupo, não havia diferença entre *gay* e travesti. As lésbicas, entretanto, se mantinham à parte, as víamos muito pouco, quase não se mostravam.

Não é por menos que atualmente me cause espanto a segmentação da cena: hoje as travestis são marginalizadas por muitos *gays*, mas naquele tempo elas eram os maiores ícones da comunidade. Rogéria, Valéria, Lorena e outras apareciam constantemente em capas de revistas e na televisão como atores transformistas.

Silvio Santos, por exemplo, realizava todos os anos, durante o carnaval, um concurso que elegia o mais belo transformista, em que fazia questão de chamá-los pelo nome de homem, causando assim espanto e risadas na platéia. Mas era o que tínhamos naquele momento e, creio, era muito melhor do que o que vemos na mídia hoje em dia. Porque éramos mostrados apenas como uma forma de arte e beleza. Aliás, os concursos de beleza como o Miss Brasil Gay sempre fizeram parte do nosso universo. Toda bicha novinha que “caía no mundo” queria se vestir de mulher e participar do concurso. Era uma espécie de ritual de passagem.

Estou falando da minha geração, adolescentes dos anos 1970, época em que as boates começaram a aparecer e a se firmar em São Paulo, como a Nostro Mondo, a Medieval e a Val Improviso... Depois vieram a Homo Sapiens e muitas outras. E os *shows* de travestis sempre fizeram parte da vida noturna *gay*. Em todas as boates havia *shows* e muitos eram grandiosos e dignos de um teatro *off-Broadway*.

Um exemplo? O *Dzi croquetes*, espetáculo de contracultura que fez a cabeça dos brasileiros em meados dos anos 1970. Um *show* para teatro com atores-dançarinos excelentes e com texto e coreografia apuradíssimos. Fazendo um tipo de humor diversificado que trazia a androginia como ponto de partida.

Depois vieram *As gigolletes*, também um *show* para teatro, só que trazendo os travestis mais talentosos do eixo São Paulo-Rio de Janeiro. No mais tradicional estilo do teatro de revista e com muito humor e *glamour*, *As gigolletes* lotaram o teatro durante um ano e ficaram na história. Vieram outros como *O que é que a boneca tem*, *Boys meet boys* e *A gaiola das loucas*.

Foi também nessa época que *gays* e travestis começaram a sair do gueto e se manifestar com roupas e atitudes próprias do universo *gay* diante do público hétero. Era época de *Dancing days*. Nas discotecas, os *gays* começavam a gozar de certa liberdade de expressão. Apenas na atitude, porque beijo de homem com homem nem pensar: eram colocados para fora na hora. Mas podiam vestir-se de Mulher Maravilha quanto quisessem.

Os anos 1980 chegaram, e com eles um pouco mais de liberdade. Era a virada política, com a abertura e a contracultura fazendo a diferença. Uma boate em especial marcou essa época de forma radical: a Madame Satã, em São Paulo.

Aquele lugar foi a primeira casa noturna onde os *gays* puderam se beijar em meio aos héteros sem ser molestados. Aliás, ali tudo era permitido, e isso foi o estopim para que acontecesse a mudança de comportamento da sociedade a respeito da diversidade sexual. Foi a época das mudanças, em que a mídia abriu espaço para que esse assunto fosse discutido. Mais uma vez o travestismo estava na vanguarda, com Roberta Close e Thelma Lipp impressionando a todos com sua beleza, e eu, Claudia Wonder, ocupando as páginas culturais dos jornais com críticas elogiosas sobre o *show O vômito do mito*.

Vale a pena lembrar essas coisas porque, até então, os jornais só produziam matérias com homossexuais quando estavam envolvidos em algum crime.

A partir dos anos 1980, as coisas começaram a mudar, e, no final dessa década até meados da década seguinte, as *drag queens* reinaram absolutas em todos os tipos de mídia.

Depois vieram o festival de cinema e vídeo Mix Brasil, as Paradas do Orgulho, a revista *G Magazine*, e todas essas manifestações maravilhosas que temos celebrando nossa cultura. O próprio *G Online* é um exemplo do que digo.

Nossa cultura são, sim, os bares e boates, os lugares de pegação, as saunas, os *dark rooms* etc. Mas acredito piamente que, acima de qualquer coisa, é o travestismo que representa como um todo essa cultura. Porque ele encarna a diversidade sexual por si só. Você não concorda comigo?